

## **Construção audiovisual do ser mãe: análise do Especial da GloboNews sobre Maternidades<sup>1</sup>**

Cláudia Thomé<sup>2</sup>

Ana Carolina Campos de Oliveira<sup>3</sup>

Simone Cândida da Silva<sup>4</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

### **Resumo**

O artigo apresenta pesquisa que tem como foco as construções narrativas sobre a maternidade no jornalismo audiovisual, considerando que este se configura como lugar de referência e com função pedagógica (Vizeu, 2009). Na perspectiva que há uma construção audiovisual da realidade, nos termos de Becker (2022), o presente artigo adotou a Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018) para detectar as maternidades construídas no Especial Globo News exibido no dia 5 de maio de 2025, em homenagem ao Dia das Mães, e os imaginários sobre o maternar. O especial rompeu com a lógica normativa da mãe única e evidenciou que a experiência materna é heterogênea, articulando imaginários da mãe ideal e das maternidades possíveis.

**Palavra-chave:** Jornalismo Audiovisual; Maternidades; Imaginários; GloboNews; Dia das Mães.

### **Introdução**

A maternidade, frequentemente idealizada como um destino natural e universal da mulher, ocupa posição central nas construções simbólicas ocidentais. Esta representação, sustentada por discursos religiosos, científicos, midiáticos e culturais, atua como um dispositivo de controle simbólico (Bourdieu, 1989) que regula comportamentos e impõe normas sobre o que é ser mãe. No entanto, a vivência da maternidade é profundamente marcada por atravessamentos de classe, raça, gênero, sexualidade e

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Jornalismo Audiovisual, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com pós-doutorado pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), líder do Grupo de Pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF), integrante da Rede Telejor e da Rede Jim. e-mail: claudia.thome@ufjf.br.

<sup>3</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF), membro do Grupo de Pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF) e bolsista FAPEMIG. E-mail: campos.anacarolina@estudante.ufjf.br.

<sup>4</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF), membro do Grupo de Pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF) e bolsista CAPES. E-mail: silva.simone@estudante.ufjf.br.

geração, revelando experiências plurais que desafiam a narrativa hegemônica da “mãe ideal”.

Essa idealização encontra ressonância na crítica de Silvia Federici (2019), ao tratar do que denomina de “trabalho reprodutivo não remunerado”: uma das formas mais profundas de exploração invisível das mulheres pelo capitalismo. Ao afirmar que “isso que chamam de amor é trabalho não pago”, Federici rompe com a romantização da entrega materna, evidenciando o quanto a maternidade é sustentada por um esforço cotidiano, físico e emocional, sem o devido reconhecimento social e econômico.

No Brasil, mais de 11 milhões de mulheres vivenciam a maternidade de forma solo, sendo a maioria delas mulheres negras, de acordo com pesquisa da Fundação Getúlio Vargas<sup>5</sup>. Para essas mães, historicamente situadas na base da pirâmide social, a sobrecarga do cuidado adquire contornos dramáticos. Sem garantia plena de direitos, enfrentam a precarização do trabalho e a culpabilização constante por “não dar conta”.

O modelo de maternidade, no entanto, é construído em diferentes épocas em produções literárias e midiáticas, gerando um imaginário da mãe ideal, em narrativas que se configuram como manuais de condutas a serem seguidos pelas mães e que moldam as expectativas sobre elas na sociedade. Tais modelos são veiculados sobretudo no Dia das Mães, em produções que se propõem a homenageá-las.

O presente artigo apresenta resultados de pesquisa que tem como foco construções narrativas sobre as maternidades no jornalismo audiovisual, considerando que este se configura como um lugar de referência e com potencial pedagógico (Vizeu, 2009). Na perspectiva que há uma construção audiovisual da realidade (Becker, 2022), a pesquisa busca analisar as maternidades noticiadas em produções especiais dos telejornais, em diálogo com os imaginários construídos (Maffesoli, 2008). O objetivo é detectar os modos como o jornalismo audiovisual participa da criação, reprodução e também da desconstrução desses imaginários maternos.

A partir da análise de um especial produzido pela GloboNews, da Rede Globo, veiculado em 5 de maio de 2025 e disponível no GloboPlay, plataforma de *streaming* da emissora, busca-se detectar rastros de manuais de condutas midiáticos sobre o que é ser mãe, na afirmação ou na desconstrução de estereótipos, dialogando com imaginários ao

---

<sup>5</sup> O Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas. [online] Disponível em: <https://bit.ly/40iJsIr>. Acesso em: 31 mai. 2025.

longo do tempo. Tal análise, que segue a metodologia de Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), de Coutinho (2018), pretende contribuir para a reflexão sobre o papel da mídia na disputa simbólica em torno das maternidades possíveis

### Imaginários de Maternidade

A maternidade, no imaginário coletivo ocidental, é frequentemente construída como um destino natural, marcado por generosidade ilimitada, força inata e uma vocação quase divina para o cuidado. Longe de ser neutra, essa imagem é forjada por discursos que atravessam instituições como a família, a religião, a escola (Berger & Luckmann, 1985) e, de forma particularmente intensa, a mídia (Kellner, 2001).

Hirata (2022) propõe compreender o cuidado como uma atividade social fundamental, cuja distribuição desigual reflete e reforça estruturas de dominação baseadas em gênero, classe e raça. Em pesquisa no campo da psicologia social, Visintin (2021) mapeia cinco campos de sentido afetivo-emocional predominantes nas narrativas sobre maternidade, como pode ser observado na tabela 1.

**Tabela 1: Campos de sentido afetivo-emocional e sua respectiva fantasia**

| <b>Campo de sentido afetivo-emocional</b> | <b>Fantasia</b>                                                                                                                                |
|-------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sublime amor                              | Fantasia de que o amor materno salvaria os filhos de todos e quaisquer problemas                                                               |
| <i>Mater dolorosa</i>                     | Fantasia de que o sofrimento do filho teria efeito devastador sobre a mãe                                                                      |
| Dedicação exclusiva                       | Fantasia de que a mãe deveria dedicar-se integralmente aos filhos                                                                              |
| Conciliando atividades                    | Fantasia de que a mãe deveria cuidar das crianças sem abrir mão da vida profissional                                                           |
| Nem fada, nem bruxa                       | Fantasia de que a mãe apresenta qualidades e defeitos como qualquer pessoa e não precisa apresentar características diferenciadas ou especiais |

Fonte: Visintin (2021, p. 152)

A partir da análise desses campos, Visintin articula dois supra campos de sentido afetivo-emocional, com suas respectivas fantasias: a “mãe maravilha”, com a “fantasia de que o amor materno é determinado pela própria natureza feminina”, e a “mulher comum”, com a “fantasia de que a mãe apresenta qualidades e defeitos como qualquer pessoa e não

precisa apresentar características diferenciadas ou especiais” (Visintín, 2021, p. 160). O autor observa, de forma crítica, que predomina “uma idealização que serve à opressão”, ao estabelecer um padrão inatingível que impõe sofrimento às mulheres reais. (p. 160). Aquelas que se afastam desse ideal acabam percebidas como mães insuficientes ou transgressoras da “natureza feminina”.

Dessa forma, o imaginário materno dominante atua como dispositivo de controle (Foucault, 1979), definindo o que seria uma maternidade “legítima” e criminalizando simbolicamente outras experiências. Esse ideal, no entanto, entra em contraste com realidades múltiplas e invisibilizadas das experiências maternas contemporâneas.

### **Especial GloboNews e testemunhos de maternidades**

A construção simbólica da maternidade é mediada pela atuação da mídia, por produções audiovisuais como as telenovelas, o jornalismo televisivo e os documentários em plataformas de *streaming*. Essas narrativas podem contribuir para reforçar representações normativas da maternidade ou para produzir novas configurações imaginárias, afetivas e políticas do cuidado.

A cultura da mídia, segundo Kellner (2001), produz identidades, molda comportamentos e define modelos de vida legítimos, especialmente por meio da estetização do cotidiano, como nas narrativas familiares idealizadas, e da espetacularização da intimidade. Sodré (2014) contribui ao afirmar que a comunicação é, antes de tudo, um método do comum, um processo simbólico que estrutura o que se entende como realidade coletiva. Para ele, comunicar é partilhar significados socialmente instituídos, e não apenas transmitir mensagens.

Assim, a forma como a maternidade é representada reflete disputas por sentidos sociais mais amplos, cuja circulação é possibilitada por esse processo comunicacional simbólico. É nesse contexto que a produção audiovisual do Globonews, objeto de análise deste estudo, representa uma brecha simbólica significativa. Ao dar visibilidade a mães solo, trans, adotivas, jovens, negras e em luto, o programa rompe, ainda que parcialmente, com a narrativa normativa da “mãe ideal”. Em vez de reforçar o mito da maternidade abnegada, propõe uma escuta plural.

Pauta agendada no calendário midiático todos os anos, o Dia das Mães é abordado de diferentes formas pelo telejornalismo, seja em perspectivas econômicas, culturais ou

sociais. Em 2025, o canal GloboNews produziu um especial pelo Dia das Mães, o programa *Especial GloboNews*, com a proposta de discutir as “Maternidades”. O programa foi exibido no dia 5 de maio de 2025, às 23h, em homenagem à data comemorativa que seria celebrada no domingo seguinte.<sup>6</sup>

Mediado por Aline Midlej, e com comentários da psicanalista Vera Iaconelli, o programa estabeleceu-se como um debate sobre temas norteadores apresentados pela jornalista, discutidos por mais seis personagens, todas mães. Segundo trecho de abertura do especial, divulgado nos perfis das redes sociais da GloboNews, o programa tinha a promessa de abordar as diferentes maternidades possíveis - por isso o título no plural.

A pesquisa seguiu a Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018), articulando o referencial teórico sobre telejornalismo como lugar de construção audiovisual da realidade (Becker, 2022), e de conhecimento (Meditsch, 1998), com função pedagógica (Vizeu, 2009). Buscou-se entender como as maternidades foram (re)configuradas pelo programa, com o objetivo de detectar possíveis rastros de um manual de conduta para o maternar. A análise organizou-se em três eixos: “diversidade e pluralidade”, “elementos e imaginários do ‘maternar’” e “validação das maternidades”. Os resultados estão apresentados em sequência.

- *Primeiro eixo: diversidade e pluralidade*

O especial configura-se como a proposta de debate sobre diferentes temas que envolvem o maternar. Todas as envolvidas são mães e, ainda que ocupem papéis diferentes na construção narrativa do produto, o compartilhamento de suas experiências a partir de seus testemunhos é o que confere unidade ao programa. A pluralidade prometida é expressa pela heterogeneidade do grupo escolhido para compor o debate, que inclui mulheres brancas, pretas e pardas; com diferentes ofícios e rotinas de vida; cisgênero e transgênero; que exercem suas maternidades com companheiro ou como mães-solo; e que são mães biológicas ou adotivas.

Ao todo, são oito enunciadoras: 1) a jornalista Aline Midlej; 2) a psicanalista Vera Iaconelli; 3) a vereadora Aava Santiago; 3) a CEO e Fundadora do Instituto de Identidades

---

<sup>6</sup> O especial também foi divulgado nas redes sociais (Instagram, Facebook e X), recortes do programa foram publicados convidando os espectadores e trechos das entrevistadas, além disso, o material completo foi disponibilizado na íntegra no Globoplay: <https://globoplay.globo.com/v/13572140/?s=0s>, acesso em: 28 mai. 2025.

do Brasil Luana Génot; 4) a atriz e diretora Leandra Leal; 5) a cantora e influenciadora digital Priscila Nogueira, “Pepita”; 6) a vereadora Thais Ferreira; 7) a gerente de influência e diversidade L’Oréal Márcia Silveira; e 8) a microempreendedora de beleza Gabriela Ventura. Ainda que o especial tenha como foco o debate entre experiências de maternidade das seis últimas personagens apresentadas, a jornalista Aline Midlej e a psicanalista Vera Iaconelli também incluem-se a partir de suas próprias experiências de maternidade. São experiências individuais e distintas, mas, ao mesmo tempo, marcadas por um senso de coletividade.

- *Segundo eixo: elementos e imaginários do “maternar”*

Apesar de se apresentar como um ambiente de troca de experiências, em que os depoimentos vão sendo compartilhados a partir de pontos comuns ou de diferenças entre as próprias enunciatórias do especial, a mediação do produto estabelece três eixos condutores, que sugerem experiências comuns e, portanto, vislumbram um imaginário coletivo sobre as vivências da maternidade. São eles a liberdade, a solidão e os desafios da evolução das relações na maternidade sobre a criação. A partir desses tópicos, é possível perceber, nos depoimentos, que existe um “ideal” de maternidade, considerado pela psicanalista como algo “inalcançável”, mas que exerce uma grande pressão social para que seja atingido, constituído socialmente em uma esfera mais ampla. Ao longo do programa, fica evidente, no entanto, que existe outro imaginário, que parte de uma comunidade mais restrita, baseado nas próprias experiências de quem vivencia a maternidade naquele contexto específico.

Desses dois conjuntos mais abrangentes, emergem elementos atrelados ao imaginário da mãe idealizada, como aquela responsável pela esfera do cuidado, em diálogo com as proposições de Visitin (2021) de “mulher-maravilha”. Nele predominam os sentidos afetivo-emocional do “sublime amor” e de uma “dedicação exclusiva” ao maternar e ao cuidar – do filho, da casa, do companheiro, da família. O segundo imaginário emergente surge como uma oposição a esse primeiro, apontando as fissuras desse ideal em diálogo com as experiências compartilhadas. Esse outro imaginário pode ser relacionado sob a perspectiva de uma “mulher comum”, enfrentando os desafios que surgem de sentidos ligados à conciliação de atividades – entre ser mulher, ser profissional e ser mãe, por exemplo -, e que não seja “nem fada, nem bruxa”.

- *Terceiro Eixo: a validação das maternidades*

A partir do especial, é possível observar que a validação das maternidades é um processo social. Mães que participaram da conversa, como Pepita, uma mulher trans, e Márcia Silveira, que perdeu um filho recém-nascido, ressaltam experiências nas quais o *status* de “mãe” lhes foi retirado (ou nunca atribuído) socialmente, ou por uma questão de preconceito de gênero (no caso da cantora e influenciadora digital) ou pela ausência da presença física de uma criança (como aconteceu com Márcia).

### **Imaginários e a constituição de manuais de condutas**

Apesar da promessa de pluralidade, a análise apontou que, dentre as oito mães presentes, apenas uma apresentava uma realidade que não se aproximava daquela que estava sendo relatada pelas demais. De acordo com dados compilados pelo site Think Eva sobre maternidade no Brasil<sup>7</sup>, o nível de escolaridade e a classe social das mães no país impacta diretamente nas experiências de maternidade – aspectos que foram secundários ou não abordados pelo especial.

Observa-se ainda na análise do especial a consolidação da figura da “mãe empreendedora de si”, como exemplificado por Gabriela, uma das entrevistadas, que, ao perder seu emprego durante a pandemia, passou a trabalhar como motorista de caminhão para garantir a sobrevivência do filho. Trata-se de uma maternidade sem amparo, em que a liberdade se confunde com solidão e o amor com dívida.

O programa foca sua abordagem partindo de um fio comum, o amor de mãe, para ressaltar a existência de dois imaginários: o idealizado, que cria um modelo inalcançável de maternidade perfeita, comumente atrelado à responsabilização da figura da “mãe” sobre uma esfera de “cuidado” e de abdicação da vida e de quem se é em prol desse papel; e o de outro ligado à “maternidade real”, que explora as inconsistências desse modelo, evidenciando aspectos desafiadores e de angústias da maternidade.

Ainda que os dois imaginários possam ser tensionados como oposições, ambos acabam por estabelecer “regras”, ou seja, manuais de conduta, seja do ponto de vista mais conservador ou no de maior liberdade de expressão das vulnerabilidades desse processo.

---

<sup>7</sup> <https://bit.ly/4k2pQPQ>. Acesso em: 09 jun. 2025.

Em ambas as formas, o “ser mãe” passa por elementos como a presença física de uma criança, o amor incondicional explícito e as obrigações com o cuidado, não apenas do filho, mas da família de maneira geral. Assim, foi possível detectar que não existe um único manual de conduta, mas diferentes manuais para a maternidade, que se modificam em contextos distintos e que se reconfiguram mutuamente.

O jornalismo audiovisual, por sua vez, acaba por materializar tais aspectos em suas narrativas, como no especial analisado, contribuindo para suas (re)constituições e disseminação. A partir da produção audiovisual de sentidos do que significa ser mãe na contemporaneidade, o telejornalismo, em seu processo pedagógico, acaba por caracterizar-se como um elemento importante para pensar a constituição desses manuais de conduta, expressando mais possibilidades do que regras sobre “o que é” ser mãe.

### **Considerações finais**

O especial do Globonews apresentou narrativas alinhadas com um processo de subjetivação no jornalismo audiovisual contemporâneo (Becker, Thomé, 2022; Thomé, Reis, 2024), em que se valoriza os testemunhos (Gerk, Barbosa, 2018; Ribeiro, Sacramento, 2020) e os vínculos emocionais com o noticiário (Becker, Góes, 2019).

Ao visibilizar experiências maternas dissidentes e plurais, o programa analisado tensiona o modelo hegemônico da “mãe ideal” e atua como dispositivo simbólico de disputa, promovendo uma reconfiguração afetiva e política da maternidade nas mídias contemporâneas. A mídia, enquanto espaço privilegiado de disputa de sentidos, tanto pode reforçar estereótipos e idealizações opressivas quanto abrir frestas para a enunciação de vozes subalternizadas. Ao permitir a circulação de afetos dissidentes — dor, luto, cansaço, raiva, medo, mas também alegria, vínculo, resistência — o jornalismo pode contribuir para a desconstrução do imaginário da maternidade idealizada e para a produção de novos sentidos de cuidado.

A produção analisada exemplifica essa ambivalência: permite o deslocamento parcial do modelo da “mãe maravilha” para o reconhecimento de maternidades plurais, complexas e politicamente significativas. Ao dar visibilidade a mães solo, negras, trans, adotivas, jovens e em luto, a produção tensiona o imaginário da “mãe ideal” e atua como dispositivo simbólico de disputa, promovendo uma reconfiguração afetiva e política da maternidade nas mídias contemporâneas. Essas vozes dissidentes, que transbordam os

moldes da maternidade normativa, encontram espaço — ou disputa — na mídia contemporânea, onde se joga a política dos afetos e da visibilidade.

## Referências

BECKER, Beatriz. **A Construção Audiovisual da Realidade**: uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2022.

BECKER, Beatriz; THOMÉ, Cláudia. Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S.L.], v. 21, n. 47, p. 1-18, 24 jan. 2022. <http://dx.doi.org/10.5902/2175497772173>. Disponível em: <https://bit.ly/4jZlFUQ>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BECKER, Beatriz; GOÊS, Francisco Moratorio Araújo. Fake News: uma definição possível entre a reflexão crítica e a experiência jornalística. **Âncora, Revista Latino-americana de Jornalismo (UFPB)**, v. 7, n. 1, p. 34-53, 2020.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

COUTINHO, Iluska. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: Emerim, C.; Coutinho, I.; Finger, C. (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V7. Florianópolis: Insular, 2018.

FEDERICI, Silvia. **O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago, diz Silvia Federici**. [Entrevista concedida a] Úrsula Passos, Folha de São Paulo e Portal Geledés, [s.l.], on-line, 14 out. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/44cbcQ8> Acesso em: 31 mai. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva Carlos. Jornalismo na era dos testemunhos: remediação, reconfiguração ou permanências históricas?. **Interin**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 127-145, 1 jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.35168/1980-5276.utp.interin.2018.vol23.n1.pp127-145>. Disponível em: <https://bit.ly/44pD9Fo>. Acesso em: 20 jun. 2025.

HIRATA, Helena. **O cuidado**: teorias e práticas. São Paulo: Boitempo, 2022.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, [S.L.], v. 8, n. 15, p. 74-82, 10 abr. 2008. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.3123>. Disponível em: <https://bit.ly/43Ti7yV>. Acesso em: 31 maio 2025.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como Forma de Conhecimento. **Revista Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 25-38, jun. 1998. Disponível em: <https://bit.ly/4jYkPb6>. Acesso em: 09 jun. 2025.

---

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Televisão e memória**: entre testemunhos e confissões. Rio de Janeiro: MauadX, 2020.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio (org.). **Subjetivação na narrativa midiática**: estratégias, linguagens e memórias. 1. ed. Juiz de Fora: Provérbio Editora, 2024.

VISITIN, Carlos del Negro. **Encontros com o cuidado infantil e a maternidade**: investigando imaginários coletivos. 2021. 209 f. Tese (Doutorado) - Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/449dTSz>. Acesso em: 20 jun. 2025.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**, [S.L.], v. 16, n. 40, p. 77, 21 dez. 2009. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2009.40.6321>. Disponível em: <https://bit.ly/4k1Zb5W>. Acesso em: 09 jun. 2025.